



LIÇÃO 01

06 de Julho de 2025
3º TRIMESTRE 2025
ADULTOS

Murilo Alencar

A Igreja que nasceu no Pentecostes

Esboço Da Lição 01

Do 3º Trimestre

De 2025

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A IGREJA EM JERUSALÉM

Doutrina, Comunhão e Fé: A Base para o Crescimento da Igreja em meio às Perseguições

Domingo, 06 de julho 2025

A IGREJA QUE NASCEU NO PENTECOSTE

O Pentecostes marca o nascimento da Igreja, inaugurando uma nova era na história da humanidade. Esse evento singular, caracterizado por sinais sobrenaturais como o som de um vento impetuoso e línguas como de fogo, cumpriu a promessa divina anunciada no Antigo Testamento. Nesta lição, exploraremos o significado desse acontecimento, destacando sua importância escatológica e cristocêntrica. Além disso, abordaremos o propósito de Deus ao capacitar os crentes para testemunharem com poder, promoverem uma adoração genuína e evidenciarem as características distintivas do Pentecostes bíblico como uma experiência contínua e específica na vida da Igreja.

TEXTO PRINCIPAL

Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, de acordo com o poder que o Espírito dava a cada pessoa. (At 2.4 NTLH).

O texto conclui que:

1. O evento foi sobrenatural e visível;
2. O falar em línguas envolveu idiomas reais, reconhecidos pelas nações presentes;
3. A ação central foi do Espírito, não dos homens;
4. A experiência foi inclusiva e missional, antecipando o alcance do Evangelho a todas as nações.

Além disso, o derramamento do Espírito Santo, ou Batismo no Espírito, conforme relatado em Atos 2, constitui um marco na superação de diversas barreiras socioculturais. A promessa profética registrada em Joel 2.28–29, reiterada por Pedro no Pentecostes, revela a universalidade da ação do Espírito ao romper preconceitos historicamente arraigados. São identificáveis pelo menos quatro dimensões de preconceito superadas: (1) o preconceito racial, mediante a expressão “toda a carne”; (2) o preconceito de gênero, ao incluir “filhos e filhas”; (3) o preconceito etário, envolvendo “velhos e jovens”; e (4) o preconceito social, abrangendo “servos e servas”. Tais inclusões demonstram a natureza abrangente e igualitária do agir do Espírito na nova comunidade de fé.

Complementarmente, o historiador pentecostal norte-americano William W. Menzies identifica oito características fundamentais que definiram o movimento pentecostal desde o seu surgimento: (1) a ênfase no enchimento com o Espírito Santo; (2) o forte compromisso com o evangelismo e as missões; (3) uma fé inabalável na atuação divina; (4) uma constante expectativa espiritual; (5) a experiência da realidade do sobrenatural; (6) a prática de uma adoração vibrante; (7) uma comunhão cristã profundamente enriquecedora; e (8) a submissão à autoridade suprema das Escrituras. Tais elementos contribuíram para moldar a identidade e a vitalidade do pentecostalismo no cenário cristão contemporâneo.

VERDADE PRÁTICA

A Igreja nasce no Pentecostes capacitada pelo Espírito para cumprir sua missão.

Duas questões fundamentais devem ser consideradas no âmbito da eclesiologia: qual é a natureza da Igreja e em que momento ela teve sua origem histórica.

Gregg Allison (2021), em sua obra *Eclesiologia*, apresenta, a meu ver, a definição mais precisa de igreja que já encontrei:

A igreja é o povo de Deus salvo por meio do arrependimento e da fé em Jesus Cristo e que foi incorporado a seu corpo por meio do Espírito Santo. Ela consiste em dois elementos inter-relacionados: a igreja universal é a comunhão de todos os cristãos que se estende desde o dia de Pentecostes até a segunda vinda e abrange tanto os crentes falecidos que já estão no céu quanto os crentes vivos de todo o mundo. Essa igreja universal se manifesta em igrejas locais caracterizadas por sua natureza doxológica, logocêntrica, pneumodinâmica, pactual, confessional, missional e espaçotemporal/escatológica. Igrejas locais são lideradas por pastores (também chamados presbíteros) e servidas por diáconos, têm e buscam pureza e unidade, praticam a disciplina e celebram as ordenanças do batismo e da ceia do Senhor. Capacitadas pelo Espírito Santo com dons espirituais para o ministério, essas comunidades se reúnem regularmente para adorar o Deus triúno, proclamar sua Palavra, apresentar o evangelho a não cristãos, discipular seus membros, cuidar das pessoas por meio de oração e contribuição e posicionar-se tanto em prol do mundo quanto contra ele. Ela é (1) doxológica, ou voltada para a glória de Deus; (2) logocêntrica, ou centrada na Palavra encarnada de Deus, Jesus Cristo, e na Palavra inspirada de Deus, as Escrituras; e (3) pneumodinâmica, ou criada, reunida, dotada e capacitada pelo Espírito Santo. Os quatro últimos são características que dizem respeito à reunião e ao envio da igreja: ela é (4) pactual, ou reunida como conjunto de membros em um relacionamento de nova aliança com Deus e em um relacionamento de aliança uns com os outros; é (5) confessional, ou unida pela confissão pessoal de fé em Cristo e pela confissão coletiva da fé cristã; (6) missional, ou identificada como corpo de ministros divinamente chamados e divinamente enviados para proclamar o evangelho e promover o reino de Deus; e (7) espaçotemporal/escatológica, ou reunida como realidade histórica (situada no espaço e no tempo) e que tem esperança garantida e destino claro enquanto vivencia o caráter inusitado da existência eclesial no aqui e agora.

A questão da origem histórica da Igreja tem sido amplamente debatida nos círculos teológicos. Algumas abordagens adotam uma perspectiva extensiva, identificando a Igreja como a totalidade dos que exerceram fé nas promessas divinas desde a criação da humanidade, com base, por exemplo, na promessa de redenção em Gênesis 3.15. Outros posicionamentos situam o início da Igreja no contexto veterotestamentário, especialmente nos relacionamentos pactuais estabelecidos entre Deus e os patriarcas, prolongando-se durante o período mosaico.

5. Por outro lado, muitos estudiosos sustentam uma origem neotestamentária para a Igreja, embora haja divergências quanto ao momento exato dessa fundação. Para alguns, a Igreja teve início com o ministério público de Jesus e o chamado dos doze discípulos. Outros, especialmente dentro de interpretações ultradispensacionistas, argumentam que a Igreja só foi efetivamente estabelecida com o ministério apostólico de Paulo. Ainda assim, a posição predominante entre teólogos de distintas tradições, incluindo pentecostais, evangélicos e representantes do pensamento teológico moderno é a de que a Igreja foi inaugurada no dia de Pentecostes, conforme registrado em Atos 2, em razão da descida do Espírito Santo e do início da missão da comunidade cristã. O pastor José Gonçalves crer nesta última afirmação. Eu creio que seja a mais bíblica de todas.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. A NATUREZA DO PENTECOSTE BÍBLICO

1.1 De natureza divina.

A LIÇÃO DIZ: *Lucas relata que, por ocasião do derramamento do Espírito no dia de Pentecostes, foi ouvido do céu "um som, como de um vento veemente e impetuoso", que "encheu toda a casa em que estavam assentados" (At 2.2), e que "foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo" (At 2.3). Os estudiosos da Bíblia explicam que esses sinais são manifestações da presença de Deus, chamadas de "teofanias". Isso significa que Deus se revelou de maneira visível e audível, assim como fez no Monte Sinai, quando entregou a Lei a Moisés.*

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. (At 2.1 NAA).

Vamos as explicações por etapas:

1.1.1 O significado de *Pentecoste*. A palavra pentecoste significa o quinquagésimo dia. Pentecostes era a festa que acontecia cinquenta dias após o sábado da semana da Páscoa (Lv 23.15,16), portanto era o primeiro dia da semana. É também chamado de Festa das Semanas (Dt 16.10), Festa da Colheita (Êx 23.16) e Festa das Primícias (Nm 28.26). Cristo ressuscitou como as primícias dos que dormem e durante quarenta dias deu provas incontestáveis de sua ressurreição com várias aparições a seus discípulos. Dez dias após sua ascensão, o Espírito Santo foi derramado no Pentecostes. John Wesley afirma que, no Pentecostes do Sinai no Antigo Testamento e no Pentecostes de Jerusalém no Novo Testamento aconteceram duas grandes manifestações de Deus, a legal e a evangélica; uma da montanha e a outra do céu; a primeira terrível, e a segunda, misericordiosa.¹

1.1.2 O significado de *Teofania*. O termo teofania deriva do grego theós (Deus) e phainō (manifestar, aparecer), e refere-se a manifestações visíveis, perceptíveis e extraordinárias de Deus ao ser humano. Exemplos bíblicos clássicos de teofania incluem: A visita dos três homens a Abraão (Gn 18.1–2); A sarça ardente (Êx 3.2–6); A coluna de nuvem e de fogo (Êx 13.21–22); O Anjo do Senhor (Jz 6; 13); A manifestação no Sinai (Êx 19.16–20): Deus se revela ao povo de Israel com trovões, relâmpagos, densas nuvens, fogo e som de trombeta, marcando a aliança mosaica.

¹ WESLEY, John. *New Testament Commentary*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, n. d., p. *in loco*.

- 1.1.3 Características principais das teofanias. Manifestam-se por meio de sinais visíveis e extraordinários (fogo, nuvem, luz, forma humana etc.); ocorrem em contextos de grande relevância para a história da redenção; têm propósitos revelacionais, como vocação, proteção, juízo ou instrução divina; geralmente provocam temor reverente, adoração ou transformação no destinatário da revelação.
- 1.1.4 Teofania e Cristofania. No Novo Testamento, o conceito de teofania é aprofundado. Algumas aparições do Cristo ressurreto, como no episódio da conversão de Paulo (Atos 9), são identificadas como cristofanias, ou seja, manifestações glorificadas do próprio Cristo. Estas constituem uma categoria específica de teofania, que mantém o caráter revelacional e extraordinário, mas com a centralidade cristológica da nova aliança.

Pontos de comparação entre o Sinai e o dia de Pentecoste.

Nos versículos 2 a 4 fica claro que a descida do Espírito é um evento claramente público. Os três sinais (o sinal audível - vento; o sinal visível - fogo; o sinal interno - línguas) foram observados por todos os presentes, e os efeitos foram óbvios para todos.

O primeiro sinal era “um som similar ao de um “vento impetuoso” vindo do céu (aos observadores, firmamento) “que encheu toda a casa onde estavam sentados”. Ele revivia o som da trombeta no Monte Sinai para anunciar os Mandamentos. Também pode ser uma alusão ao episódio dos ossos secos (Ez 37.5–6,14) em que o vento os enche de uma nova vida. O enchimento de toda a casa significa a vinda do Espírito a cada crente.

O segundo sinal (2.3) “parecia ser o de línguas de fogo distribuídas e pousadas sobre cada um dos presentes” (todos os crentes, veja 2.17–18). O vento simbolizava a chegada do Espírito e, o fogo, sua entrada em cada seguidor. Essa adicional tipologia revive os trovões e relâmpagos no monte Sinai (Ex 19.16).

O último sinal é o fato de que, como consequência dos dois primeiros, os presentes “começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.” (2.4) Esse fenômeno descreve os resultados visíveis da atuação do Espírito. O Espírito que chegava era um ente invisível, diferentemente de sua atuação, que era bem visível, o fogo e a fala em línguas. Cada filho de Deus ali estava “cheio do Espírito Santo” e não conseguia ficar calado, tendo de se expressar abertamente aos que estavam em volta.

1.2 Um evento paralelo ao Sinai.

A LIÇÃO DIZ: *Assim como no Sinai, onde a presença de Deus se tornou real, como uma das experiências mais marcantes na história do antigo povo de Deus, de uma forma muito mais gloriosa e profunda, o Pentecostes marcou o Encontro do Espírito de Deus com a Igreja.*

Para os judeus, a festa de Pentecostes estava associada à celebração da entrega da Lei no Sinai e à gratidão pela colheita dos primeiros frutos da terra (cf. Lv 23.15–21). No entanto, para os cristãos, esse mesmo evento adquiriu novo significado teológico ao se tornar o marco da doação do Espírito Santo em Jerusalém, conforme registrado em Atos 2. Naquela ocasião, os discípulos foram revestidos com poder do alto como cumprimento das profecias verotestamentária e da promessa de Jesus. Além disso, o discurso de Pedro resultou na conversão de cerca de três mil pessoas (At 2.41), representando uma verdadeira “colheita” espiritual: os primeiros frutos da

Igreja nascente. Por essa razão, o termo “pentecostal” está mais diretamente relacionado ao evento cristão narrado em Atos 2 do que aos aspectos festivos da tradição judaica.

1.3 Centrada em Cristo e nos tempos finais.

A LIÇÃO DIZ: *Na sua pregação no dia de Pentecostes, Pedro deixou claro que esse evento estava totalmente ligado a Jesus. Ele mostrou que o derramamento do Espírito Santo estava diretamente relacionado à morte, ressurreição e ascensão de Cristo (At 2.23, 24, 32-33). Isso significa que, embora o Pentecostes seja uma manifestação do Espírito Santo, ele também é cristocêntrico, ou seja, tem Cristo como seu centro. Sem a cruz de Cristo, o Pentecostes perderia seu verdadeiro significado, pois não há Pentecostes sem a cruz. Além disso, Pedro explicou que o Pentecostes foi o cumprimento da profecia de Joel (Jl 2.28), que anunciava que Deus derramaria o seu Espírito sobre toda a humanidade. Quando Pedro usou a expressão “nos últimos dias” (At 2.17), ele mostrou que esse evento tinha um significado escatológico, ou seja, estava ligado ao plano de Deus para os tempos finais.*

O evento do Pentecostes, conforme narrado em Atos dos Apóstolos 2.1–4 e interpretado pela pregação de Pedro nos versículos seguintes (At 2.14–36), constitui-se como um dos momentos culminantes da revelação bíblica. Trata-se de um acontecimento singular que inaugura a era do Espírito Santo, marca o nascimento público da Igreja e estabelece a continuidade entre a obra redentora de Cristo e a missão apostólica. Três aspectos principais emergem da análise teológica do Pentecostes: seu caráter cristocêntrico, sua natureza profética e sua dimensão escatológica.

- 1.3.1 O Pentecostes como evento cristocêntrico. Embora o Pentecostes seja, por definição, uma manifestação extraordinária do Espírito Santo, ele não pode ser compreendido isoladamente da pessoa e obra de Jesus Cristo. A pregação de Pedro em Atos 2 deixa claro que o derramamento do Espírito está diretamente vinculado à morte, ressurreição e exaltação de Cristo. “Deus ressuscitou este Jesus, e disto todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à direita de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vocês estão vendo e ouvindo”. (At 2.32-33 NAA). Dessa forma, o Pentecostes é o resultado direto da glorificação do Cristo exaltado. Portanto, não há verdadeiro Pentecostes sem a cruz, pois é da cruz que flui o Espírito para a Igreja.
- 1.3.2 O Pentecostes como cumprimento profético. O derramamento do Espírito também deve ser compreendido como o cumprimento direto da promessa profética registrada em Joel 2.28–32, cujo conteúdo é citado por Pedro em Atos 2.17–21.
- 1.3.3 O Pentecostes como sinal escatológico. Ao empregar a expressão “nos últimos dias” (At 2.17), Pedro confere ao Pentecostes uma natureza escatológica, isto é, ele interpreta o evento como o início do cumprimento das promessas finais de Deus. A escatologia, nesse caso, não é limitada ao futuro último, mas refere-se ao início do tempo do fim, marcado pela presença ativa do Espírito na igreja.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. O PROPÓSITO DO PENTECOSTE BÍBLICO

2.1 Promover a verdadeira adoração.

A LIÇÃO DIZ: *As manifestações externas, como o som, o vento e o fogo ocorridos no Pentecostes, prendem nossa atenção. Contudo, não podemos perder de vista aquilo que o Pentecostes produz internamente na vida do crente. Um dos propósitos marcantes daquele evento em Jerusalém foi promover a verdadeira adoração: “temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus” (At 2.11). Logo, um Pentecostes que não conduz à adoração não é bíblico. De fato, quando os gentios também experimentaram o Pentecostes, a reação foi a mesma: “magnificavam a Deus” (At 10.46).*

Na visão pentecostal clássica, a adoração fervorosa é resultado de uma vida cheia do Espírito Santo, onde o crente adora de maneira bíblica, íntegra e viva, reconhecendo que a presença manifesta do Espírito Santo é real, pessoal e transformadora. Essa adoração manifesta-se através do louvor entusiasmado, oração fervorosa, manifestações legítimas dos dons espirituais e uma profunda consciência da presença divina no culto coletivo.

Em Atos 2.4, lemos que os discípulos foram “cheios do Espírito Santo” e imediatamente passaram a “falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem”. Este fenômeno não foi apenas um milagre linguístico, mas também um ato genuíno de adoração entusiasmada, pois aqueles homens e mulheres proclamavam “as grandezas de Deus” (At 2.11).

Este padrão bíblico, de uma adoração fervorosa e inspirada pelo Espírito, é sustentado por Paulo, que ensina a igreja a ser cheia do Espírito, o que resulta em salmos, hinos e cânticos espirituais (Ef 5.18-20). Portanto, a adoração pentecostal é bíblicamente fundamentada no enchimento contínuo e real do Espírito Santo, produzindo um louvor profundo e contagiante.

2.2 Poder para testemunhar.

A LIÇÃO DIZ: *O Pentecostes não foi dado para que os crentes se isolassem, mas para que fossem capacitados a testemunhar e viver no mundo até a volta de Cristo. A Igreja deve aguardar com esperança, mas também cumprir sua missão até o fim. Para cumprir essa missão ela necessita de poder para testemunhar (Lc 24.49; At 1.8). De fato, é isso o que acontece depois do Pentecostes (At 4.33).*

Um dos propósitos centrais do Pentecoste é capacitar os cristãos a proclamarem, com ousadia e fidelidade, o verdadeiro Evangelho de Cristo (At 1.8). Ser testemunha não se resume a falar em línguas ou a manifestar fenômenos espirituais, mas envolve viver e anunciar com integridade a mensagem bíblica da cruz, da ressurreição e da salvação em Cristo.

Embora o falar em línguas seja um sinal bíblico do Pentecoste (At 2.4), este sinal jamais deve substituir o propósito fundamental da experiência pentecostal: ser capacitado pelo Espírito Santo para testemunhar Cristo com

eficácia. Infelizmente, muitos cultos e eventos têm enfatizado exageradamente os sinais externos, desviando-se do foco principal.

Ser pentecostal não é aderir ao emocionalismo descontrolado ou práticas exageradas, mas viver integralmente entregue à vontade de Deus, dedicando-se intensamente à proclamação clara do Evangelho bíblico, sem mistura com doutrinas humanas ou modismos neopentecostais. O verdadeiro pentecostalismo gera compromisso com o Reino, santidade pessoal e disposição para servir e se doar inteiramente pela causa do Evangelho.

3. CARACTERÍSTICAS DO PENTECOSTES BÍBLICO

3.1 Uma experiência específica.

A LIÇÃO DIZ: *Em Atos dos Apóstolos, o derramamento do Espírito no dia de Pentecostes é mostrado como o “batismo no Espírito Santo” dos crentes (At 1.5, 8). Naquele dia, o Senhor Jesus batizou quase 120 pessoas no Espírito Santo (At 1.15; 2.4). Essas pessoas já eram regeneradas, isto é, salvas. Jesus já havia dito que elas já estavam limpas pela Palavra (Jo 15.3) e que seus nomes estavam arrolados nos céus (Lc 10.20). Eram, portanto, crentes.*

A fraseologia “batismo no Espírito Santo” provém das citações análogas “cheio do Espírito Santo” (At 2.4; 4.8; 9.17); “receberam o Espírito Santo” (At 8.17), “caiu sobre eles o Espírito Santo” (At 10.44; 11.15) e “veio sobre eles o Espírito Santo” (At 19.6). Horton (1997, p. 434) assevera que “cada termo ressalta algum aspecto da experiência pentecostal, e nenhum termo individual consegue ressaltar todos os aspectos dessa experiência”. A predileção pentecostal é o uso da expressão “batismo no Espírito Santo” em analogia ao “batismo nas águas” (SIQUEIRA, 2018, p. 86).

O Batismo no Espírito Santo é a externalização de uma experiência **reconhecível, audível e visível**. Sendo uma experiência subsequente à salvação e completamente diferente ato da regeneração ou novo nascimento (Jo 20.21,22; 1Co 3.16; 6.19; 2Co 6.16; Gl 4.6). Não se trata de um modismo religioso, mas do cumprimento de uma promessa feita pelo Pai (Jl 2.28; At 1.4), ratificada pelo Filho (Mt 3.11) e manifestada pelo Espírito Santo, o Consolador prometido (At 2.1–4).

De acordo com o Dicionário Aulete, “distinto” é aquilo que não se confunde com outro; algo diverso, diferente. O Batismo no Espírito Santo, portanto, não deve ser confundido com a regeneração. A esse respeito, algumas evidências bíblicas devem ser consideradas: (1) Os cento e vinte discípulos reunidos no cenáculo já eram salvos quando receberam o Batismo no Espírito. Entre eles estavam os apóstolos, os primeiros seguidores de Jesus, Maria e os irmãos do Senhor (At 1.13–14). Não estavam ali aguardando a salvação, mas sim a promessa do revestimento poderoso e capacitador do Espírito. (2) Os samaritanos, conforme Atos 8.12 e 14, já haviam crido nas boas-novas de Cristo e sido batizados. No entanto, ainda não haviam recebido o Batismo no Espírito (At 8.16). Por isso, Pedro e João oraram e impuseram as mãos para que recebessem o Espírito Santo (At 8.17). (3) De modo semelhante, os discípulos em Éfeso, relatados em Atos 19.1–6, experimentaram esse mesmo padrão. (4) O próprio Jesus, segundo Atos 10.38, foi ungido com o Espírito Santo não para regeneração, pois era sem pecado, mas para cumprir sua missão messiânica com autoridade e poder.

3.2 Uma experiência definida e contínua.

A LIÇÃO DIZ: *Como resultado do enchimento do Espírito Santo, os crentes “começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2.4). A Escritura é clara em mostrar que a evidência inicial do batismo pentecostal foi os crentes falarem em outras línguas. Não há dúvidas de que outros resultados ou evidências do batismo no Espírito Santo se seguem.*

Segundo Stamps (1995, p. 1631), “falar noutras línguas como sinal do batismo no Espírito Santo é uma expressão verbal inspirada, mediante a qual o espírito do crente e o Espírito Santo se unem no louvor e/ou profecia em uma língua nunca aprendida”. À luz das Escrituras, o pentecostalismo clássico entende que o “falar em línguas” como evidência inicial do batismo no Espírito Santo difere do “dom de línguas”. Este último obedece à orientação paulina que requer interpretação para a edificação da Igreja (1Co 14.27), porém o “falar línguas” como batismo no Espírito Santo é compreendido como o agir de Deus que visa à edificação pessoal do crente, e nesse caso não se requer interpretação nem mesmo repreensão (Horton, 1997, p. 476).

As línguas como evidência no Pentecostes. No dia do Pentecostes, cerca de 120 irmãos falaram noutras línguas conforme o Espírito Santo lhes concedia (At 2.4).

As línguas como evidência na casa de Cornélio. A multidão presente na casa do centurião recebeu o batismo no Espírito Santo durante a ministração do Evangelho pelo apóstolo Pedro (At 10.44). O fato de terem recebido o dom do Espírito, manifesto no falar noutras línguas (At 10.46) foi o sinal exterior que surpreendeu os companheiros circuncisos de Pedro e resultou em sua ordem de batizar os gentios convertidos (Menzies, 2002, p. 158).

As línguas como evidência em Samaria. Filipe evangelizou Samaria e muitos dos samaritanos creram (At 8.5-8). Os convertidos batizados nas águas ainda não tinham recebido o revestimento de poder (At 8.16). Pedro e João foram enviados para orar pelos samaritanos (At 8.14-15) e eles receberam o Espírito Santo (At 8.17), e, conforme anota Henry (2008, vol. 1, p. 84), está implícito no texto que falaram em línguas como sinal exterior.

As línguas como evidência em Éfeso. Ao chegar em Éfeso, Paulo encontrou um grupo de doze irmãos já convertidos que ainda não tinham recebido o Espírito Santo (At 19.2). Durante a oração do apóstolo, “veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas” (At 19.6). Acerca desse episódio, Arrington (2003, p. 739) anota que “o batismo com o Espírito é subsequente e distinto da conversão segundo a teologia de Lucas e Paulo”.

As línguas como evidência em Damasco. Após a conversão, Paulo recebeu a visita de Ananias, que tinha a incumbência de orar para que ele recuperasse a vista e fosse cheio do Espírito Santo (At 9.17). Embora Lucas não registre que a experiência foi acompanhada de línguas, Paulo assegurava que falava noutras línguas (1Co 12.10,11; 14.18). Nessa perspectiva, Arrington (2003, p. 675) é categórico em dizer que “certamente sua experiência com o Espírito Santo em Damasco incluiu falar em línguas”.

O sinal como evidência do batismo no Espírito Santo. Reiteramos que não obstante esse ponto ser alvo de controvérsia até mesmo entre alguns poucos grupos pentecostais, a visão bíblica sobre o assunto nos parece clara. Como afirma taxativamente a Declaração de Fé das Assembleias de Deus (2017, p. 167) “o derramamento do Espírito veio com um sinal específico, o falar em línguas (At 2.4). Essa experiência repete-se na vida da Igreja (At 10.46; 19.6). Isso porque a experiência pentecostal não ficou restrita ao dia de Pentecostes; ela acontece no cotidiano da Igreja de Cristo na terra ao longo dos séculos, conforme a promessa divina (At 2.39)”.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3.3 As línguas e o amor.

A LIÇÃO DIZ: *A evidência física e inicial ou sinal do batismo no Espírito Santo foi o falar em outras línguas. Não foi uma grande alegria ou um amor afetuoso que evidenciaram o batismo no Espírito Santo.*

Segundo Gutierrez Fernandes Siqueira (2018), "um dos pontos mais controvertidos na doutrina do Batismo no Espírito Santo refere-se à problemática de sua evidência. Esse assunto tem dividido até mesmo os pentecostais clássicos. O próprio William Joseph Seymour (1870–1922) defendia que as línguas não eram a única evidência física do Batismo no Espírito Santo, mas também que outras manifestações poderiam ser encaradas como essa evidência".

Há quem afirme que a evidência do batismo com o Espírito Santo não precisa ser as línguas estranhas, mas pode ser alegria, amor, maior compreensão da Palavra de Deus, maior zelo para ganhar almas para Jesus, etc. É evidente que nenhuma das outras “evidências” acima mencionadas teria dado aos discípulos plena certeza de que haviam recebido o batismo com o Espírito Santo. Vejamos:

- 3.3.1 Alegria. Não teria sido uma evidência convincente, pois muitas vezes antes já haviam sentido grande alegria (Lc 10.17). Certa ocasião a alegria que sentiam fê-los louvar a Deus em alta voz (Lc 19.37). Depois que Jesus retornou ao céu, os discípulos retornaram com grande júbilo para Jerusalém (Lc 24.52). Alegria não teria sido, portanto, uma evidência especial do batismo com o Espírito Santo, embora depois do Pentecostes a alegria tivesse redobrado.
- 3.3.2 Amor. Também não teria sido uma evidência muito convincente, pois antes do Pentecostes haviam experimentado e demonstrado amor. Jesus sempre lhes havia mostrado o seu grande amor, e todos os discípulos amavam a Jesus a ponto de dizerem que queriam dar a sua vida por Ele (Mt 26.35). Precisavam de uma outra evidência, embora o Espírito Santo opere amor no coração dos salvos (Rm 5.5).
- 3.3.3 Maior compreensão da Palavra de Deus. Haviam por três anos recebido o ensinamento de Jesus, e em uma das últimas vezes que Jesus esteve com eles, “abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24.45).
- 3.3.4 Zelo para ganhar almas para Jesus. Não teria sido uma novidade, porque eles vinham se dedicando a ganhar almas, pregando e batizando (Jo 4.2). Com o batismo com o Espírito Santo passaram a trabalhar com maior inspiração e capacidade renovadas (At 4.33), mas zelo não poderia ter sido a evidência.

CONCLUSÃO

O Pentecostes bíblico estabelece o nascimento sobrenatural da Igreja, cumprindo promessas proféticas e revelando o poder capacitador do Espírito Santo. Este evento singular transcende barreiras raciais, sociais, etárias e de gênero, inaugurando uma nova dispensação, marcada pela adoração genuína, missão e testemunho de Cristo. A experiência pentecostal, distinta da regeneração, é marcada inicialmente pelo falar em línguas, refletindo uma ação visível e audível do Espírito. Dessa forma, o Pentecostes continua sendo fundamental, pois relembra a Igreja de sua natureza pneumática, seu caráter inclusivo e missional, e sua contínua dependência do poder divino para cumprir sua vocação.

ABRA JAULA – PB MURILO ALENCAR

REFERÊNCIAS

ALISSON, Greg. **Eclesiologia**. São Paulo: Vida Nova, 2021.

STRONSTAD, Roger. **Teologia Lúcana sob Exame**. Natal, RN: Carisma, 2018.

OSBORNE, Grant. **Atos dos Apóstolos**. Natal, RN: Carisma, 2022.

SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. **Revestidos de poder: uma introdução à teologia pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. **Pneumatologia: uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.